

Hospital brasileiro começa terapia inédita contra HTLV-1

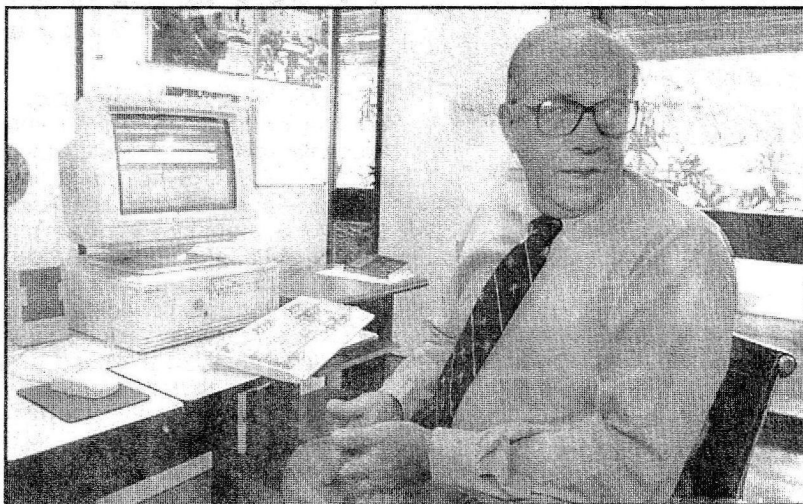
Roberto Stuckert Filho

ANA PAULA MACEDO

BRASÍLIA — O Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek começou esta semana um estudo pioneiro no mundo para desenvolver um tratamento contra o vírus HTLV-1, causador de paralisia. Descoberto em 1989, o vírus é muito semelhante ao HIV. Só o Sarah registrou 61 casos desde o ano passado. A partir de um convênio com o Centro para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos, o hospital iniciou estudos em Brasília e Salvador.

Apenas na semana passada, foram internados 50 pacientes em estágio avançado da infecção. Todos estão paralíticos. Trinta e sete pessoas com a doença, chamada paraparesia tropical espástica, participam dos testes. O diretor da rede Sarah, Aloysio Campos da Paz Júnior, explica que a terapia inclui superdosagem de vitamina C, ingestão de hormônios e reforço do sistema imunológico.

Todos os pacientes — 20 em Salvador e 17 em Brasília — fazem fisioterapia e também submetem-se a exames de ressonância magnética. Com duração de nove semanas, o tratamento-piloto contará com três avaliações.



Campos da Paz diz que o tratamento inclui combinação de medicamentos

Ao fim de cada período, os pacientes farão testes no Laboratório de Movimento — o Sarah é o único do país e está entre os cinco hospitais do mundo que dispõem de um laboratório assim — para checar as articulações.

Empenhado nos estudos sobre a doença desde 1992, o Sarah descobriu que não havia tratamento efetivo em nenhuma parte do mundo. O hospital propôs então ao CDC, onde há pesquisas avançadas sobre o HTLV-1, trocar informações.

O centro americano realiza pesquisas sobre a ação do vírus

nas células de defesa humanas e o Sarah desenvolve programas clínicos. Campos da Paz explica que os pacientes são divididos em grupos. Alguns recebem todos os medicamentos, outros apenas dois e um terceiro grupo apenas um tipo de terapia.

Em seu gabinete, Campos da Paz mantém contatos com o CDC através da rede Internet. Em poucos segundos, o diretor da rede Sarah dispõe de informações sobre as pesquisas do vírus, originário da África e que já tem alta incidência na América Central, Estados Unidos e Japão.